

Carta Aberta sobre o Ginásio do Ibirapuera e o Conjunto Desportivo “Constâncio Vaz Guimarães”

Os docentes e pesquisadores da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo vêm a público manifestar sua extrema preocupação com os destinos do Ginásio do Ibirapuera e do Conjunto Desportivo “Constâncio Vaz Guimarães” diante do Projeto de Concessão do Governo do Estado para a área. O projeto, tal como estruturado, representa séria ameaça à integridade física e ao funcionamento de um equipamento esportivo que, além de ser muito utilizado na formação de atletas no Brasil, é constitutivo da história da cidade de São Paulo e realização fundamental da história da arquitetura brasileira. Além disso, tem grandes valores de uso e afetivo pela comunidade esportiva que dele faz intenso uso desde os anos 1950.

São diferentes os motivos que justificam a preservação do Conjunto Desportivo “Constâncio Vaz Guimarães”, onde se localiza o Ginásio do Ibirapuera. Esse último edifício deve ser protegido por questões estilísticas e construtivas, mas também pela sua importância dentro da arquitetura moderna brasileira e da modernização do esporte e da cultura da cidade de São Paulo em meados do século XX. Isso significa que o Ginásio é fundamental para compreender as arquiteturas brasileiras para o tempo livre e o lazer, assim como para entender as transformações do espetáculo e da prática esportiva nesta metrópole em permanente expansão. Aliás, o Ginásio representa os esforços do poder público para criar espaços públicos de alta qualidade disponíveis à população.

O seu arquiteto, Ícaro de Castro Mello – atleta recordista sul-americano de salto em altura e salto com vara, membro da equipe brasileira de atletismo nas Olimpíadas de Berlim, em 1936 –, é consagrado autor de diversas obras relevantes para a história da arquitetura brasileira, realizadas no Departamento de Educação Física e Esportes (D.E.F.E.) do Governo do Estado e em seu escritório particular, como a Piscina Coberta do Conjunto Desportivo Baby Barioni, em São Paulo; o Ginásio Paulo Sarasate, em Fortaleza; o Ginásio Geraldo Magalhães, em Recife; os edifícios esportivos do Sesc Itaquera e Bertioga, entre outras centenas de edificações. A sua atividade, além de indicar a relação entre as carreiras de atleta e arquiteto, garantia da expertise e da qualidade de seus projetos, fala da valorização social das atividades esportivas e de lazer e, a partir daí, da ação qualificada do Estado para o bem comum. Tal atuação foi reconhecida não só entre os especialistas, mas pela cidade que deu à praça à frente do Complexo Desportivo “Constâncio Vaz Guimarães” o seu nome próprio.

A construção do Ginásio tem que ser entendida, portanto, como parte de um processo maior de construção de equipamentos esportivos e de lazer na cidade e no Estado de São Paulo, iniciado pelo menos em meados da década de 1930, quando começou a edificação do Estádio do Pacaembu, foi estruturada a Escola de Educação Física de São Paulo e o Departamento de Educação Física e Esportes do Estado (DEESP), e foram estabelecidos nos Jogos Abertos do Interior. O Ginásio é parte de um esforço público do governo estadual para impulsionar a prática esportiva em diversas cidades. Exemplos disso são os Ginásios de Sorocaba (1950) e Ribeirão Preto (1951), ambos projetos do Ícaro e desenvolvidos no interior do DEESP.

No início da década de 1950, São Paulo era um lugar importante dentro do circuito esportivo internacional. O tamanho de sua indústria esportiva, a densidade de sua rede de clubes e federações, o desenvolvimento da arquitetura esportiva na cidade e sua posição privilegiada dentro do mapa esportivo brasileiro, faziam da capital paulista um ponto atrativo para sediar eventos esportivos de grande escala. Ademais, o esporte chamava a atenção de milhares de pessoas todos os finais de semana, que participavam tanto como praticantes amadores quanto como espectadores de jogos do campeonato profissional de futebol, mas que também participavam e assistiam competições atléticas, combates e lutas de artes marciais, exibições de esportes aquáticos e corridas de ciclismo pela cidade. Esse contexto favorável fez com que o esporte fosse considerado parte das comemorações do IV Centenário. Popular, fortemente organizado e de interesse público e privado, o esporte era um campo social em que a cidade de São Paulo também poderia projetar sua excepcionalidade.

O impulso também esteve influenciado pelo efeito do pan-americanismo esportivo - os primeiros jogos Pan-Americanos foram organizados em Buenos Aires, em 1951 - e outras competições internacionais no continente, mas também pelo próprio diagnóstico feito no interior do campo esportivo paulista em relação à necessidade de edificar equipamentos esportivos complementares já existentes: enquanto o Pacaembu já era visto como ultrapassado, a cidade também precisava de uma piscina olímpica aquecida - a Piscina de Água Branca, pertencente ao Conjunto Desportivo Baby Barioni, foi inaugurada em paralelo à construção do Ginásio do Ibirapuera - e de um estádio coberto, que fosse sede de eventos esportivos, shows musicais, atividades culturais e comícios políticos, tal como já acontecia nos casos do Luna Park em Buenos Aires ou

do Madison Square Garden em Nova York. Nesse sentido, a construção do Ginásio do Ibirapuera procurava cumprir uma função social dentro da trama social e cultural da cidade.

Por diversos motivos financeiros e do desenvolvimento da Comissão do IV Centenário, o Ginásio não conseguiu ser inaugurado para a Copa do Mundo de Basquete, evento que formaria parte das comemorações de 1954 em São Paulo. O edifício esportivo começou a funcionar em 1957, constituindo-se rapidamente num dos principais cenários do esporte e da cultura paulista e brasileira. O velódromo ficou prontamente desatualizado em relação às normas da União Ciclista Internacional e foi reformado pelo arquiteto Ícaro de Castro Mello, transformando-o num Estádio Atlético inaugurado em 1965. Três anos mais tarde, o complexo esportivo foi complementado com a inauguração do Conjunto Aquático, de autoria do arquiteto Nestor Lindenberg, palco da expansão da natação paulista e da prática amadora de milhares de pessoas ao longo das suas décadas de uso público.

É importante também entender o Ginásio como parte das tensões, rupturas e permanências do longo percurso da constituição do Parque do Ibirapuera: desde meados da década de 1920, foi defendida a ideia de um parque metropolitano onde fosse possível o acesso ao lazer por parte de diferentes classes sociais, um local onde fosse possível o contato com a natureza, em contraponto ao crescimento e ao aumento da densidade urbana paulistana. O Ginásio e o Velódromo primeiro, e logo depois o Parque Aquático, faziam parte desse espírito. Uma defesa do Ginásio do Ibirapuera e do Complexo Esportivo é também uma defesa do direito ao lazer, uma ideia que esteve no interior das discussões sobre o que deviam ser as comemorações do IV Centenário. O Ibirapuera não era arte e indústria só, também era local para a prática do esporte, do lazer e de espetáculos. O Ibirapuera é a marquise e os pavilhões, assim como também o Ginásio e o Velódromo. Desancorar o complexo esportivo da história do parque é apagar uma das principais narrativas que justificaram a construção de um dos principais espaços públicos da cidade.

A vitalidade contemporânea do conjunto esportivo pode ser comprovada nas transformações e adequações que foram sendo progressivamente realizadas de modo a adequá-lo às mudanças nas práticas esportivas, nos seus equipamentos e modalidades. As mudanças são prova da resiliência do Conjunto Esportivo na cidade. O intenso uso dos espaços, que formou inúmeros vitoriosos atletas brasileiros como Maurren Maggi, Tiago Camilo, Felipe Kitadai, Rafael Silva e tantos outros, mostra a importância do conjunto para o esporte brasileiro.

Estando de acordo com o Parecer Técnico da Unidade de Preservação do Patrimônio Histórico - UPPH - da Secretaria de Estado da Cultura, que afirma que o conjunto constitui importante referência à memória, à ação e à identidade de São Paulo, conforme as indicações da Constituição Brasileira no seu artigo 216 do que se determina como patrimônio cultural no Brasil. É também marco histórico fundamental da arquitetura moderna brasileira/paulista no campo dos equipamentos esportivos no seu todo, mas também em relação às partes que o compõem. Individualmente, os edifícios do Conjunto Desportivo, do Ginásio, do Estádio de Atletismo e do Conjunto Aquático são exemplares incontornáveis da produção paulista de arquitetura moderna que devem ser preservados às gerações futuras.

A proposta em curso de transformação do Complexo em equipamento privado alterará de maneira grave e irreversível a sua materialidade. Ela desconsidera a organização dos espaços livres, a excelência e a qualidade de sua arquitetura, o seu papel na memória e na paisagem urbana de São Paulo. A execução de um projeto com tal caráter destruirá parte da história e da memória da cidade, comprometendo também o seu desenvolvimento futuro. Por fim, a preservação deste patrimônio paulistano e nacional iria também ao encontro das preocupações recentes com a preservação ambiental e a sustentabilidade.

Apoiam esta carta

Agnaldo Aricê Caldas Farias
Alessandra Prata
Ana Barone
Ana Claudia Scaglione Veiga Castro
Ana Lúcia Duarte Lanna
Andreina Nigriello
Antônio Carlos Barossi
Antônio Carlos Sant'Anna Jr.
Beatriz Mugayar Kühn
Beatriz Piccolotto Siqueira Bueno

Beatriz Rufino
Bruna Bacetti
Camila D'Ottaviano
Catharina Pinheiro Lima
Cibele Haddad Taralli
Clarissa de Almeida Paulillo
Clice Mazzilli
Denise Duarte
Eduardo Alberto Cusce Nobre
Eduardo Augusto Costa
Eugênio Queiroga
Euler Sandeville Jr.
Fernanda Fernandes da Silva
Francisco Spadoni
Gabriela Tamari
Gil Barros
Giselle Beiguelman
Gustavo Surcio
Hugo Massaki Segawa
Ivo Renato Giroto
Joana Mello de Carvalho e Silva
João Sette Whitaker Ferreira
Jorge Bassani
José Tavares Correia de Lira
Juliana Braga
Juliane Bellot Rolemberg Lessa
Klara Kaiser
Leandro Silva Medrano
Leonardo Marques Monteiro
Luciano Margotto Soares
Luís Antônio Jorge
Luiz Antonio Recamán Barros
Luiz Recaman
Marcos Acayaba
Maria Cristina Leme
Maria de Lourdes Zuquim
Maria Lúcia Bressan Pinheiro
Maria Lucia Refinetti Rodrigues Martins
Mariana de Azevedo Barretto Fix
Marina Marques
Mário Henrique Simão D'agostino
Marly Namur
Marta Vieira Bogéa
Mônica Junqueira
Nabil Bonduki
Nilce Cristina Aravecchia Botas
Paula Santoro
Rafael Perrone
Ranny Loureiro Xavier Nascimento Michalski
Renata Maria de Almeida Martins
Renato Cymablista
Ricardo Marques De Azevedo
Roberta Consentino Kronka Mülfarth
Rodrigo Millan

Rodrigo Queiroz
Sheila Walbe Ornstein
Takashi Hokusima
Tatiana Sakurai
Teresa Saraiva
Victor Assur Panucci
Vladimir Bartalini
Yasmin Darviche
Yvonne Mautner